

# **RACISMO E IMPERIALISMO**

## **Zabalaza Anarchist Communist Front [Frente Anarquista Comunista Zabalaza] (ZACF)**

### **O QUE É RACISMO**

*Por racismo, nos referimos a uma das seguintes características:* 1.) Atitudes, crenças e ideias que rebaixam outras pessoas, com base em suas supostas características físicas (por exemplo, cor da pele); 2.) Discriminação sistemática social, econômica e política de pessoas, com base em suas supostas características físicas (por exemplo, cor da pele).

Utilizaremos o termo “negro” para nos referir a todas as pessoas discriminadas com base em suas supostas características raciais. Isso inclui africanos, pessoas de cor<sup>1</sup> e indianos. Utilizaremos as palavras “africano”, “pessoas de cor”, “indiano” etc., quando nos referirmos a um desses grupos negros em específico.

A *África do Sul* caracteriza-se por níveis extremamente altos de desigualdade racial. Essa desigualdade racial vincula-se a altos níveis de desigualdade de classe (e de gênero). [...]

### **ANARQUISTAS CONTRA O RACISMO**

Como anarquistas, lutamos pela criação de uma sociedade livre e igualitária, fundamentada na democracia de base e na igualdade socioeconômica. Defendemos a destruição de todas as formas de exploração e dominação. Somos contrários à autoridade coercitiva e sustentamos que o único limite da liberdade de um indivíduo deve ser que ele não infrinja a liberdade de outros. Acreditamos que apenas uma revolução protagonizada pelas classes produtivas e exploradas da sociedade (a classe operária, os pobres e o campesinato) pode criar um mundo livre, e reconhecemos que essas classes só podem ser mobilizadas e unidas com base na oposição a todas as formas de opressão.

*Pelas razões expostas, nós, anarquistas, somos inimigos declarados do racismo e dos racistas.* Qualquer movimento por liberdade que não combata diretamente o racismo não passa de uma vergonhosa fraude.

O anarquismo possui uma história vigorosa de luta contra o racismo. Ela passa pelas condenações e críticas do racismo feitas pelos principais teóricos anarquistas (por exemplo, Bakunin, Reclus, Makhno, Rocker) e pelos estímulos e lutas das organizações de massas contra o racismo, o capitalismo e o Estado (por exemplo, as lutas da Associação Internacional dos Trabalhadores [International Working People's Association, IWPA], nos EUA, na década de 1880); ela passa pelos esforços da organização sindicalista revolucionária Industrial Workers of the World (IWW), nos EUA, na década de 1910, com os trabalhadores negros e imigrantes, pela centralidade da batalha contra o antissemitismo na revolução anarquista na Ucrânia de 1918-1921, e pelas lutas contra o fascismo e o racismo hoje. Os anarquistas têm combatido o racismo de maneira consistente e temos orgulho de pertencer a essa tradição revolucionária.

Historicamente, o anarquismo atraiu milhões de pessoas de cor e pertencentes às minorias racialmente oprimidas. Muitos movimentos anarquistas – na realidade, a maioria deles – conformaram-se no Terceiro Mundo, e, portanto, ocuparam-se de

---

<sup>1</sup> Na *África do Sul*, “pessoas de cor” [coloured] são aquelas que pertencem a um grupo étnico miscigenado da África Subsaariana; elas são descendentes de negros, brancos e asiáticos. (N. E.)

questões relativas ao anti-imperialismo, ao antirracismo etc. De China a Cuba, de Nicarágua a Bósnia e Herzegovina, nossa influência foi enorme. Ao redor do mundo, nosso movimento combateu o racismo de forma consistente e conquistou para seu lado pessoas de cor e pertencentes às minorias racialmente oprimidas. Incluem-se aí militantes anarquistas proeminentes, tais como Lucy Parsons (afro-americana), Frank Little (de ascendência branca e nativo-americana), Ricardo Flores Magón (de ascendência mexicana), Alexander Berkman (de ascendência judaica), Nestor Makhno (da Ucrânia, um domínio russo) e James Connolly (da comunidade imigrante irlandesa em Edimburgo, na época em que a Irlanda era ainda uma colônia britânica). Isso foi possível porque o anarquismo se opôs a *todas* as formas de opressão e defendeu a luta de classes. Reconheceu tanto a exploração de classe quanto outras formas de opressão, unindo todos os trabalhadores em uma luta internacionalista e antirracista contra o capitalismo, o Estado e todas as formas de opressão.

*Portanto, está claro que o anarquismo não foi “eurocêntrico”, seja na composição de seus membros ou em termos do conteúdo de suas teorias e atividades. O anarquismo tampouco falhou em dar uma resposta teórica e prática ao racismo, e nem se restringiu a alguma nacionalidade em particular. Constituiu-se como uma criação das massas trabalhadoras do mundo inteiro.*

## **AS RAÍZES DO RACISMO**

Então por que a “raça” e o racismo tornaram-se tão centrais para a nossa sociedade (e para muitas outras)? Precisamos primeiro compreender as raízes do racismo se quisermos lutar contra essa opressão e seus efeitos.

O racismo não é o resultado inevitável de pessoas diferentes entrando em contato entre si, da “cultura branca” ou do calvinismo. O racismo é produto de uma sociedade baseada na exploração e nas classes exploradas. O racismo é um meio de organizar e justificar a opressão de grandes massas de pessoas.

O racismo pode ter existido em formas pré-capitalistas da sociedade de classes. Por exemplo, na Europa feudal, a aristocracia (lordes/cavaleiros) aparentemente justificava seu domínio sobre a massa de camponeses não-livres (servos) com base em seu “sangue azul”, pretensamente superior. Entretanto, o racismo antinegro não era uma característica dessas sociedades.

*O racismo é parte integrante da moderna sociedade capitalista-estatista desde que ela surgiu na Europa no século XVI. O capitalismo e o Estado produziram racismo em cada estágio de seu desenvolvimento.*

## **Mercantilismo e escravidão**

Esse primeiro estágio do capitalismo vai do início dos anos 1500 até o final dos 1700 e caracteriza-se pela acumulação de capital por meio do comércio e da pilhagem. Trata-se do período em que o capitalismo começou a se expandir com força para a África, as Américas e a Ásia. Plantações com escravos foram estabelecidas nas Américas e em outras localidades; e foram abastecidas por um comércio de escravos de grandes proporções.

*Foi a escravidão que produziu o racismo – não o racismo que produziu a escravidão.* Inicialmente, os comerciantes e proprietários de plantações tentaram utilizar escravos brancos e indígenas americanos, mas a partir da segunda metade dos anos 1600, escravos da África (e da Ásia) começaram a suprir a força de trabalho necessária nas plantações. Esses escravos negros eram consideravelmente mais baratos; também se encontravam disponíveis em maior número e eram mais fáceis de identificar do que os escravos brancos, algo que auxiliava a polícia. A escravização e a venda de seres

humanos foram “justificadas” com o argumento de que os escravos pertenciam a um povo subnormal e selvagem, inapto para a liberdade. Esse tipo de argumento tornou-se especialmente necessário com o surgimento de ideias igualitárias radicais nas Revoluções Inglesa, Americana e, mais tarde, Francesa.

### **Conquista Colonial**

Dos anos 1500 aos 1900, o capitalismo e seu Estado estiveram envolvidos na conquista e na colonização da África, das Américas e da Ásia. Essa expansão foi motivada principalmente pela necessidade de obter mão de obra (escrava) e matérias-primas (como minérios e produtos agrícolas) baratas, e pela necessidade de encontrar novos mercados. Novamente, as ideias racistas encontraram um terreno fértil. Afirmava-se que o sucesso do imperialismo europeu refletia a superioridade natural da “raça branca”.

Além disso, os colonizadores argumentavam que estavam ajudando os “nativos” de pele escura, ao trazer-lhes a “civilização” – ensinando-os o cristianismo, o uso de roupas europeias e a “dignidade do trabalho”. Evidentemente, tais ideias contribuíram com a exploração dos operários e camponeses indígenas – grupos que tinham os seus salários ou preços de colheita precariamente pagos com base no argumento de que seu “modo de vida não-civilizado” exigia menos renda.

Tais grupos eram impedidos de construir sindicatos e órgãos semelhantes, sob o argumento de que eram “muito imaturos” para fazerem o uso “apropriado” de tais estruturas. Foram submetidos a formas cruéis e racistas de controle do trabalho e acusados de serem “máquinas musculares” incapazes de gerir o próprio trabalho sem a supervisão e um cérebro “branco”. A seguir, discutiremos mais detalhadamente a classe trabalhadora negra e as formas de exploração camponesa.

### **Genocídio**

Em muitos territórios colonizados, particularmente nos anos 1800, não havia qualquer pretensão de tentar “civilizar os nativos”. Ao contrário, havia massacres generalizados e indiscriminados de povos indígenas, naquilo que aponta para uma campanha de extermínio (genocídio). Houve tentativas de exterminar os aborígenes australianos, os indígenas americanos, os maoris da Nova Zelândia, assim como os Khoisan sul-africanos. Além das mortes, os povos nativos também foram afetados por novas doenças, tais como a varíola, e por problemas sociais, como o alcoolismo.

### **Dividindo a classe trabalhadora**

O racismo também tem sido promovido por patrões e governantes pois ele ajuda a dividir a classe trabalhadora, particularmente no Primeiro Mundo. Em especial, ele divide, de um lado, a classe trabalhadora e os pobres brancos, e, de outro, a classe trabalhadora e os imigrantes negros. Onde a classe trabalhadora é racialmente dividida, ela carece da solidariedade necessária para lutar e derrotar os patrões e os governantes.

Os patrões vêm promovendo a divisão da classe trabalhadora nos meios de comunicação de massa (que eles próprios controlam), ao fazerem as divisões raciais corresponderem às divisões de trabalho e ao discriminarem os trabalhadores negros. O racismo é ótimo para os patrões: trabalhadores negros, sem direitos políticos, estabilidade no emprego ou salários decentes oferecem uma força de trabalho superexplorada, “excelente” e flexível, que pode ser contratada e demitida dos piores empregos quando necessário; oferecem ainda uma boa fonte de fura-greves para ser usada como ameaça contra grevistas brancos; e permite-lhes dirigir a raiva que os

trabalhadores brancos sentem do desemprego e dos baixos salários para os negros e os imigrantes, dizendo que eles estão “roubando nossos empregos”.

Então por que tantas pessoas da classe trabalhadora branca desses países aceitam e apoiam essas ideias e práticas racistas? A primeira razão foi mencionada acima – a mídia. Em segundo lugar, há uma competição econômica entre os trabalhadores, que podem estar lutando desesperadamente por um número limitado de empregos. Ou então, os patrões podem estar tentando substituir os trabalhadores qualificados por trabalhadores mais baratos e menos qualificados. Em alguns casos (jamais em todos), os trabalhadores podem responder a essa competição em termos raciais e desenvolver antagonismos raciais. Em terceiro e último lugar, a classe trabalhadora branca e os brancos pobres podem receber um “salário público e psicológico”, ao serem (ligeiramente) melhor tratados que os negros e imigrantes, e assim poderem se considerar parte de uma “raça superior” (independente do quão opressiva seja a sua vida).

## O QUE É IMPERIALISMO

Por *imperialismo*, nos referimos a uma situação em que a classe dominante de um país domina o povo e o território de outro país. Em outras palavras, trata-se de uma situação de dominação externa que é protagonizada por um poder exterior. Essa relação assume diferentes formas em diferentes contextos.

Como anarquistas, *nos opomos ao imperialismo* por causa do sofrimento e da opressão que ele traz consigo. Não aceitamos o argumento de que o imperialismo é uma força progressista, quer este argumento parta da ideia de que o imperialismo “desenvolve as forças produtivas”, ou de que ele “intervém para manter a paz”, “civiliza” etc. O imperialismo é responsável por genocídio, opressão nacional, ataques à classe trabalhadora, guerra, subdesenvolvimento, fome e pobreza. Entretanto, o imperialismo não é a única causa desses problemas, e ele próprio é produto do capitalismo e do Estado.

*As principais potências imperialistas* são os Estados dominantes do Primeiro Mundo e suas classes dominantes: Europa Ocidental, Estados Unidos da América, Japão etc. Aqueles que são comumente chamados de Primeiro Mundo, Ocidente, “centro” ou países metropolitanos. Além desses países, os principais países do Bloco Oriental, como Rússia e China, também atuaram como potências imperialistas.

Do outro lado há *as regiões e os países* dominados pelo imperialismo: África, Leste Europeu, Sul da Ásia, Caribe, Oriente Médio e América Latina. Esses países e regiões são frequentemente chamados de Terceiro Mundo, Sul, “periferia”, países “satélites” ou “regiões coloniais e semicoloniais”.

Contudo, o Terceiro Mundo não é uma zona homogênea. Alguns países são mais poderosos regionalmente e mais economicamente dominantes do que outros. Esses países muitas vezes (mas não sempre) atuam como agentes e aliados locais das potências imperialistas, e são por elas apoiados. Às vezes esses países são chamados de Terceiro Mundo industrializado, *países recém-industrializados* ou “*semiperiferia*”. Exemplos de países semiperiféricos que atuam como parceiros locais do imperialismo são África do Sul e Israel. Países semiperiféricos que não agem abertamente como parceiros menores do imperialismo incluem Polônia, Brasil e Coreia do Sul.

Embora o capitalismo racial / Apartheid na África do Sul compartilhasse muitas das características de uma relação imperialista (particularmente, o fato de ser uma colônia de povoamento), na medida em que uma oligarquia de colonos (aliança entre diferentes classes brancas encabeçada pela classe dominante) exercia historicamente a dominação política e econômica no país, *o Apartheid / capitalismo racial não era*

*propriamente uma relação imperialista.* Isso porque esse sistema de dominação era sustentado internamente. Não se tratava de um país governado de fora, como nos casos típicos das colônias de povoamento, tal como a Zâmbia ou o Quênia.

Distintamente, a classe dominante encabeçada pelos colonos tomou o poder do Estado local em 1910, se apropriou da maior parte da economia nas décadas subsequentes e terminou responsável pelas principais decisões políticas e econômicas. Situação que não se modificou pelo fato de a classe dominante local (e seus aliados africanos, os líderes e burgueses dos bantustões) ter sido apoiada pelas potências imperialistas. Não havia portanto um inimigo externo a ser expulso, mas uma conjuntura de opressão localizada a ser combatida. Isso não quer dizer que a África do Sul era independente do sistema imperialista mundial mais amplo, visto que ela atuava como um *parceiro menor ou semiperiférico do imperialismo* que dominava a parte sul da África.

## **ANARQUISTAS CONTRA O IMPERIALISMO**

*O anarquismo possui uma orgulhosa trajetória de compromisso anti-imperialista.* O repúdio da teoria e da prática do imperialismo está logicamente implícito na rejeição que o anarquismo estabelece das estruturas políticas coercitivas e dos modos de produção economicamente exploradores, e na defesa que faz de uma federação internacional livremente constituída por comunas autogeridas e associações de trabalhadores baseadas no socialismo libertário sem Estado.

No nível teórico e prático, teóricos-militantes como Mikhail Bakunin, Élisée Reclus e Alexander Berkman condenaram o imperialismo e lutaram contra ele. No mundo colonial, os anarquistas desempenharam um papel importante em lutas anticoloniais e anti-imperialistas, notavelmente aquelas que ocorreram em Cuba, Irlanda, Coreia, Macedônia, México, Nicarágua e Ucrânia. Por exemplo, o herói nacional da Nicarágua, Augusto Sandino, que liderou uma revolta contra a ocupação norte-americana nas décadas de 1920 e 1930, era anarcossindicalista; no México, os anarquistas do Partido Liberal Mexicano (PLM), do Industrial Workers of the World (IWW) e da Confederación General del Trabajo (CGT) se opuseram consistentemente ao imperialismo americano e à discriminação antimexicana no México, tanto antes quanto durante e depois da Revolução Mexicana; James Connolly, o famoso mártir da Revolta da Páscoa de 1916, na Irlanda, que se contrapôs ao imperialismo britânico, era um organizador [sindicalista revolucionário] nos Estados Unidos e na Irlanda; na Coreia, os anarquistas constituíram uma força fundamental na luta contra a ocupação japonesa, que teve início em 1910, e conseguiram inclusive estabelecer uma enorme zona liberada autogovernada na Manchúria, nos anos 1930; na Ucrânia, o Exército Insurrecional Revolucionário de Nestor Makhno expulsou os poderes centrais que haviam invadido seu território em 1918-1919.

Nos países imperialistas, os anarquistas também estiveram na vanguarda da luta contra o imperialismo. Por exemplo, no Japão, Kotoko Shusui foi preso e executado em 1910, após o seu *Jornal do Plebeu* ter feito uma campanha contra o expansionismo japonês; em 1909, os anarquistas espanhóis organizaram uma greve de massas contra a intervenção no Marrocos (a “Semana Trágica”); na Itália, os anarquistas se opuseram consistentemente ao expansionismo italiano na Eritreia e na Etiópia nos anos 1880 e 1890, e organizaram um movimento antiguerra de grandes proporções contra a invasão italiana da Líbia em 1911, e a intervenção na Albânia em 1919.

## AS CAUSAS DO IMPERIALISMO

*O imperialismo existia antes do capitalismo e do Estado moderno.* Contudo, o imperialismo é um *elemento central do capitalismo e do Estado moderno*, desde seu surgimento há 500 anos na Europa e sua subsequente expansão global. Esse período foi marcado pelo imperialismo numa escala sem precedentes na história mundial. Desses poderes, a França e a Grã-Bretanha foram proeminentes, submetendo o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, as colônias na América do Norte, na América do Sul e no Caribe, a maior parte da África, do Oriente Médio, do Extremo Oriente, assim como todo o subcontinente indiano. O Japão também embarcou na expansão colonial no Sudeste Asiático, intervindo na Coreia, na China e em outros países. Desde o declínio relativo das potências imperialistas europeias e japonesa no período pós-Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos alcançaram proeminência como a potência imperialista dominante.

*O imperialismo no período moderno foi impulsionado por dois fatores:*

Em primeiro lugar, há uma *dimensão econômica* do imperialismo: o sistema surge em parte para beneficiar as classes dominantes imperialistas (ou, pelo menos, setores importantes destas classes). Por exemplo, ao proporcionar condições para lucros muito elevados em função da mão de obra e das matérias-primas baratas, e ao impedir o acesso de classes dominantes rivais a esses recursos.

O segundo fator é o *sistema internacional de Estados*. Da mesma forma que as empresas capitalistas competem no mercado, os Estados também competem por território, vantagens estratégicas (por exemplo, locais para bases militares) e expansão. Isso motiva conflitos nacionais, guerras, conquistas estrangeiras e tentativas de assimilação forçada de povos conquistados; os Estados menores são engolidos e os “maiores” lutam para aumentar seu poder e sua influência.

**\* Este texto foi composto com trechos dos textos “Combatendo e Derrotando o Racismo” e “Anti-Imperialismo e Libertação Nacional”.**



**Este texto é parte do Programa Mínimo de Formação da OSL**